

Manifesto pela insurreição da escrita: contra a burocracia do pensamento e a domesticação de Deleuze

MICHELLE MARTINS¹

A filosofia não serve nem ao Estado, nem à Igreja, que têm outras preocupações. Não serve a nenhum poder estabelecido. A filosofia serve para entristecer. Uma filosofia que não entristece a ninguém e não contraria ninguém, não é uma filosofia. A filosofia serve para prejudicar a tolice, faz da tolice algo de vergonhoso. Não tem outra serventia a não ser a seguinte: denunciar a baixeza do pensamento sob todas as suas formas.” (Gilles Deleuze, Nietzsche e a filosofia).

A universidade tornou-se um mausoléu climatizado do pensamento, um hospício asseado onde os conceitos, embalsamados e impotentes, desfilam sob a maquiagem pesada da erudição. Corredores bem iluminados abrigam vitrines de ideias mumificadas, enfeitadas com citações de rodapé e sepultadas sob toneladas de reverência bibliográfica. É um cortejo fúnebre conduzido por respeitáveis coveiros do intelecto: empoleirados em seus gabinetes refrigerados, trajando ternos bem passados e exalando o perfume rançoso da obediência. Lá dentro, professores — muitos deles doutores em inércia — ou melhor, tecnocratas da planilha acadêmica — não ensinam, administram: não dão mais aulas: distribuem textos,

¹ Mãe, professora, pesquisadora, filósofa, escrevedora, poeta e doutoranda em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (PPGFil/Unioeste), Campus de Toledo/PR, com Bolsa de pesquisa CAPES, na linha de pesquisa Ética e Filosofia Política, sob orientação da Dra. Ester Maria Dreher Heuser e coorientação da Dra. Mayara Joice Dionizio. Mestra em Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual de Montes Claros (PPGL/EL – Unimontes, MG), Campus Darcy Ribeiro, com Bolsa de pesquisa CAPES. Graduada em Filosofia pela Unimontes/ MG. Membro do GT Deleuze e Guattari vinculado à ANPOF. Membro do GPfil-Unimontes, MG/ vinculado ao CNPq, sob coordenação do Dr. Alex Fabiano Correia Jardim. Mas antes do currículo, sou barranqueira, filha de Januária, nascida no torvelinho das águas do Velho Chico, benzida no barro sagrado das cheias e talhada no sol de rachar do Sertão das Gerais. Atravessei o país com duas gurias e a coragem antiga das minhas gentes – negra, indígena, cabocla, revolucionária de nascença, parida à sombra do buriti, criada ao abrigo das palmeiras, do pequizeiro e do pé de juá. Carrego no sangue as rezas fundas das minhas avós e a luz da candeia – brilho dos olhos de minha mãe –, que alumia a persistência dançante da vida.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3806064195337195>

E-mail: michelle.almeida@unioeste.br

organizam seminários e se esquivam da responsabilidade de pensar com os estudantes. Catalogam. Não criam, protocolam. Não escrevem, redigem pedidos de financiamento.

Na academia, trabalha-se com diligência, mas não para pensar — isso exigiria um risco que já não toleram — e sim para sepultar qualquer fagulha de pensamento que ouse escapar do mausoléu acadêmico. Ter ideias virou heresia. Tudo deve passar pelo crivo do “lattes compatível”, da metodologia pasteurizada, da bibliografia obrigatória. Pensar virou um risco processual. A academia tornou-se um grande laboratório da esterilidade intelectual, onde a única produção genuína é a fabricação em série de mediocridades bem referenciadas. Um grande hospício da normatividade, um tribunal inquisitório do pensamento: ela aprendeu a viver sem questionar. Ela sabe como citar, sabe como organizar, mas não sabe mais como pensar. Aqui, a erudição não ilumina, apenas empalha; o rigor não desestabiliza, apenas adestra.

A Filosofia, outrora uma intempérie, um jogo perigoso, tornou-se um expediente administrativo, um trâmite regulado por indexadores e comitês de avaliação. Os filósofos de hoje não criam, não se arriscam, não fazem ressoar o delírio de um conceito — eles regurgitam, compilam, reformatam, traduzem os mesmos cadáveres teóricos com a precisão morna de um escrivão de cartório. A Filosofia, nesse regime, não é mais uma linha de fuga, mas um estoque regulado de enunciados normativos, embalados e selados conforme os padrões da CAPES² e das agências de fomento. E o pensamento? Capturado, vigiado, patrulhado por protocolos metodológicos e fórmulas herméticas, transformado em um produto seguro para o consumo acadêmico. A universidade não suporta aquilo que não pode indexar, embalsamar ou arquivar. Se um conceito não pode ser classificado, se um pensamento não pode ser domesticado, não há repressão explícita — isso seria demasiado grosseiro! ele é silenciado com elegância: é prontamente dissolvido na

² CAPES é a sigla para *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior*, uma fundação vinculada ao Ministério da Educação do Brasil, responsável por formular políticas públicas para a pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado), avaliar os programas acadêmicos e promover a formação de recursos humanos qualificados por meio de bolsas e fomento à pesquisa. Atua também no incentivo à cooperação científica internacional e no aperfeiçoamento da docência para a educação básica.

burocracia espectral das normas e dos relatórios: há, antes, um abafamento protocolar, um sepultamento por obsolescência programada, um exílio silencioso nos confins da irrelevância acadêmica. Enterrado sob pilhas de artigos jamais lidos, sufocado por relatórios de impacto e estatísticas de produtividade. Como já dizia Foucault³, as instituições de sequestro não precisam de grades — e a academia aperfeiçoou essa lógica. Seus muros não são feitos de pedra, mas de normalização, conformidade e prestígio simbólico.

A Filosofia institucionalizada é uma máquina segmentária rígida: traça linhas, delimita territórios, estabelece percursos obrigatórios e zonas de passagem controladas. Suas hierarquias se enrijecem, suas estruturas se petrificam, sua produção intelectual se reduz à manutenção do próprio sistema. E os rebeldes? Ah, os insurgentes de gabinete, os revolucionários bem ajustados, os subversivos com crachá. Criam suas bolhas de resistência regulada, suas zonas de contestação gerenciadas, seus nichos de pensamento crítico domesticado. Denunciam as amarras do sistema em periódicos indexados, defendem a urgência do devir em conferências bem patrocinadas, escrevem sobre a necessidade da ruptura dentro dos marcos metodológicos aceitos. E se julgam perigosos! Mas são apenas operadores da contestação permitida, engrenagens do próprio mecanismo que dizem combater. A crítica hoje é um espelho polido onde os acadêmicos se contemplam satisfeitos. O que chamam de rigor é apenas controle, o que chamam de método é apenas censura sofisticada. Nietzsche, Foucault, Deleuze, Guattari, Artaud? Quando muito, figuram como iscas para bancas, domesticados por rodapés e protocolos. A academia captura, estratifica, digere e neutraliza tudo o que poderia causar perturbação. Uma crítica que não corta, que não queima, que não provoca vertigem, é apenas um exercício de etiqueta. Não precisamos de reflexões assépticas. Precisamos de lâminas. A crítica tem de ser um bisturi enferrujado, uma navalha que não pede licença para cortar.

³ Foucault observa que as relações de poder disciplinares não exigem, necessariamente, a clausura física ou o enclausuramento institucional para operarem a produção de sujeitos. O assujeitamento não depende mais do sequestro material dos corpos — o que implica, como ele mesmo anuncia, o "fim das grades, fim das correntes, fim das fechaduras pesadas" (Foucault, 1999, p. 167).

Deleuze já nos alertava sobre o capitalismo acadêmico: a Filosofia foi reduzida a um mercado de conceitos patenteados, uma fábrica de papéis onde a única criatividade permitida é a de encontrar novos modos de reformular o já estabelecido. Métricas, produtividade, fatores de impacto, relatórios de citação — eis o horizonte do pensamento universitário. O filósofo vira um operário do conceito, o conceito vira moeda de troca, a Filosofia degenera em mercadoria intelectual. E os que se julgam marginais? Apenas percorrem os mesmos circuitos de legitimação, obedecendo às mesmas estruturas que fingem criticar. Publicam artigos sobre a necessidade da destruição das instituições dentro das regras das próprias instituições. Reivindicam linhas de fuga sem jamais ultrapassar os limites bem traçados da burocracia acadêmica. E chamam isso de resistência.

A ortodoxia quer uma Filosofia asséptica, sem vísceras, sem gozo — um catecismo burocrático, um código moral com notas de rodapé. Por isso, quando exigem assepsia textual, querem higienizar o pensamento, aparar-lhe as garras, arrancar-lhe os dentes. O que chamam de rigor é, muitas vezes, submissão. Pedem neutralidade, mas exigem obediência. Querem uma Filosofia sem pulso, reduzida a um jogo de citações, um mercado de capital simbólico onde o valor do texto é medido pela conformidade ao cânone. Mas e se Filosofia for outra coisa? E se seu gesto for o da insubmissão, da desestabilização, da criação de novas formas de pensar e escrever?

Mas a ironia das ironias, é: Deleuze e Guattari tornados selos de certificação acadêmica, carimbos de subversão domesticada. *Mil Platôs* virou breviário, recitado com a solenidade de um ritual escolástico. Discutem-se errância, devir e linhas de fuga como se fossem fórmulas estáveis, embaladas para congressos onde o pensamento se dissolve na previsibilidade curricular. O nomadismo virou itinerário. A fuga, protocolo. O desejo, rodapé. O erro crasso da digestão acadêmica? Converter dinamite em vitrine. Fetichizaram conceitos que eram armas, transformaram a esquizoanálise em ferramenta de *mindfulness* para acadêmicos exaustos. A linha de fuga, antes ruptura, agora se dobra sobre si mesma, capturada pelo mesmo maquinário social que deveria implodir. O desejo revolucionário tornou-se um *slogan* reciclável, uma marca d'água burocrática em *papers* que celebram a desterritorialização sem jamais desafiar a segurança dos seus territórios. E pior: essa

domesticação não se restringe aos eventos institucionais, ela molda a própria maneira de se fazer Filosofia. Deleuze ensinou a pensar em fluxos, devires, intensidades. O que fizeram? Um inventário metódico de conceitos higienizados, uma enciclopédia de fórmulas esvaziadas, um compêndio técnico onde a repetição, que deveria ser potência, se cristaliza em culto. Pensamento embalsamado, transformado em relíquia.

Quem pilota essa máquina? Banqueiros do sentido. Administradores da paralisia conceitual. Especialistas em linhas de fuga que jamais saem do próprio circuito narcísico. São gestores do pensamento, não seus praticantes. Guardiões da ortodoxia da transgressão. Discutem máquinas de guerra enquanto abastecem seus currículos Lattes. E assim, no ápice da captura, empalham a subversão e a exibem como ornamento institucional. O que deveria ser experimentação virou catecismo. E os sacerdotes desse culto são justamente aqueles que menos entenderam Deleuze: burocratas do conceito, curadores de um museu de ideias que já não respiram.

Então, o que fazer? Há uma saída? Não se trata de negar a academia, mas de infeccioná-la. Não de reformá-la, mas de gangrená-la por dentro. A Filosofia precisa operar como uma doença incurável, um vírus que não possa ser absorvido sem intoxicar seu hospedeiro. Não se trata de buscar reconhecimento, mas de instaurar rachaduras, de criar zonas de contágio onde o pensamento escape do seu sequestro normativo. Se a academia transformou a Filosofia em um cadáver bem embalsamado, então talvez seja hora de desenterrar os corpos e ver o que ainda pode apodrecer. A questão não é [apenas] sobreviver dentro das instituições — é corroê-las, infiltrá-las como uma umidade fétida, infeccionar seus alicerces até que nada reste senão escombros e possibilidades. Não se trata de jogar o jogo acadêmico com mais habilidade, mas de sabotá-lo por dentro, de fazer proliferar um pensamento que as instituições não possam absorver sem implodirem.

Se há algo que Deleuze e Guattari ensinaram, é que o pensamento não pede licença. Ele não aguarda homologação, não solicita autorização, não se submete ao crivo da respeitabilidade acadêmica. O pensamento avança como contrabando, como vírus, como sabotagem. Ele não negocia sua passagem, ele fura bloqueios, atravessa muros, faz do interdito o seu próprio território. Ah a lógica do roubo, do ‘enrrobamento’! Pensar não é um exercício de diplomacia acadêmica, não se trata de

agradar bancas ou seguir protocolos de citação com a devoção burocrática dos escribas medievais. Pensar é abrir fissuras, fazer a linguagem ranger, empurrar conceitos até que eles comecem a vaziar, a colapsar, a revelar aquilo que não deveriam. “Pensar é sempre seguir a linha de fuga do voo da bruxa.” (Deleuze; Guattari, 1992, p. 53). Mas a academia, essa máquina de domesticação do intempestivo, quer bruxas enjauladas, devidamente identificadas, numeradas e arquivadas no grande bestiário do pensamento autorizado. É por isso que escrever com Deleuze não é escrever sobre Deleuze. Escrever com Deleuze é reencontrá-lo onde ele ainda não foi buscado, o Deleuze porvir, o Deleuze que falta, onde seu pensamento se torna matéria-prima para uma outra coisa, um outro risco, um outro agenciamento.

A linguagem acadêmica, essa sintaxe carcerária, não precisa ser recusada — ela deve ser sabotada por dentro, implodida em seus próprios alicerces. Não basta argumentar – é preciso vibrar, fazer faíscas, explodir sentidos, lançar-se em velocidades que destroem os códigos do inteligível. Escrever como quem dança sobre ruínas, como quem se dissolve entre as linhas de fuga, como quem faz da linguagem uma tempestade sem centro e de cada palavra um vetor de força, um ponto de ruptura. Uma escrita que não busca apenas precisão, mas experimentação e intensidade. A escrita como gesto de criação! Citar não para referendar, não a repetição servil, mas a extração radical de suas consequências: torcer o conceito até que ele grite! Essa torção implacável, desdobramento audacioso, que compõe o nosso temor de afirmar o que o autor apenas sugere, esconde o próprio gesto filosófico em sua forma mais pura. O problema é que a mediocridade institucional enxerga esse movimento com a mesma desconfiança com que um clérigo medieval via a livre interpretação das escrituras. Há uma compulsão doentia pelo controle do sentido, uma fobia da errância, uma ânsia patética de manter o pensamento nos trilhos bem policiados do autorizado. Mas o pensamento verdadeiro é um desertor. Ele desvia, ele força, ele espreme os textos até que eles confessem algo que talvez nem suspeitassem conter. Fazer do autor um corpo atravessado por linhas, um detonador de forças impensadas, onde o pensamento se desdobre não como um ritual de validação, mas como um campo minado onde toda frase é um risco, toda

ideia uma insubordinação, e todo conceito um atentado contra o bom senso acadêmico. *Nos modos deleuzoguattarianos!*

Escrever com Deleuze e Guattari – e não sobre eles ou a partir deles – escrever em filosofia da diferença – é abandonar a segurança do conceito e jogar-se na violência do pensamento em devir, como quem solta as amarras e se lança à deriva. É falar de outra coisa, em outro lugar. Criar novas potências de incompreensão. Como quem solta a mão do mestre e se entrega ao caos. É transformar a escrita em uma ferida aberta, uma hemorragia de conceitos que não coagula, que age por contaminação. Não construir sínteses bem-comportadas, mas forjar agenciamentos imprevisíveis. Trata-se de conectar-se ao fluxo, fazer da escrita um campo de forças onde os conceitos se proliferam, se desdobram, se corrompem e se transformam. É soltar ratos na biblioteca, fazer do texto uma peste negra de intensidades antes que os guardiões da ortodoxia levantem suas cruces epistemológicas. É triturar os conceitos até que eles explodam em mil direções. Deixar que o texto tenha dentes, que urra, que convulsione, que perfure a carne do instituído. Que seja um corpo que delira, que se dobra e se contorce até explodir. Um texto que dá tesão, que faz gozar os dedos de quem escreve, a língua de quem enuncia e o corpo de quem atravessa. Um texto que devora seu próprio autor e, no processo, reinventa a Filosofia. E que se dane a inteligibilidade confortável, essa doença senil da filosofia bem-pensante.

Por que contentar-se em ser um burocrata do conceito, um reprodutor dócil das formas, quando se pode ser já a explosão, o atentado, a subversão? Por que não começar pela própria escrita? A filosofia, se ainda respira, grita por outra coisa: ela quer linchar a tolice. Ela quer provocar hemorragias nos modos de saber. Perverter a linguagem em uma máquina de guerra nômade, revolucionária! Se o objetivo é desarticular o instituído, então o primeiro gesto é desmontar o próprio ato de escrever. A escrita precisa voltar a ser uma experiência de combate, e não um relatório institucional. Escrever é o nome da insurreição que ainda nos resta. Fazer da escrita uma linha de fuga, um motim contra a gramática do poder. Escrever/pensar é um ato de violência. Não há criação sem devastação. Não há pensamento sem risco. Não há filosofia sem traição. A escrita não deve apenas falar da revolução — ela deve ser a revolução. Perversa, impura, violenta, cruel. Uma escrita que *acontece*. Eis o que resta. Eis o que importa.

Deleuze e Guattari não são para serem seguidos como sacerdotes de uma nova ortodoxia – até porque toda ortodoxia é um cemitério. Eles são para serem traídos, profanados, reativados em outras margens, misturados com o que escapa ao radar das disciplinas autorizadas. Pensar não é construir um templo, mas puxar fios soltos, abrir curtos-circuitos, explodir os dispositivos de captura. *Para acabar com o juízo de Deus!* A única forma legítima de “ser deleuziano” é não sê-lo.

Ah! e a ironia final: enquanto esse espetáculo de domesticação conceitual se desenrola nos corredores da universidade, os próprios pesquisadores são esmagados por uma máquina que os mantém cativos. A produção acadêmica virou um jogo de sobrevivência, e pensar se tornou um luxo para aqueles que ainda podem pagar o preço da precarização: a insegurança financeira é o grande estrangulamento do pensamento. Como criar algo radical, como empurrar os limites da filosofia, quando a sobrevivência diária consome a energia que deveria alimentar a invenção? Não é só a lógica da captura intelectual, mas a precarização como forma de controle. A captura não é apenas teórica, é também material. A academia exige produção, mas não garante sequer as condições mínimas para que o pensamento respire. A filosofia se curva não apenas ao rito institucional, mas ao desespero econômico que esgota qualquer potência de criação. O pesquisador se vê dilacerado entre o desejo de pensar e a necessidade brutal de sobreviver.

Um pesquisador exausto, esmagado pela incerteza econômica, pela falta de perspectiva, pelo medo do amanhã, não tem forças para abrir linhas de fuga. É mantido cativo, submisso, sem margem para o risco. A pesquisa vira um luxo, um fardo, um trabalho invisível que se acumula em jornadas de exploração e desespero. Pensar deveria ser um ato de potência, mas em tempos de instabilidade, torna-se um campo de batalha onde o inimigo não é apenas a ortodoxia acadêmica, mas a miséria estrutural que ameaça devorar tudo.

Se Deleuze estivesse aqui, talvez não escrevesse mais livros – talvez quisesse explodir a academia. O problema não é ocupar o espaço institucional, mas contaminá-lo, infeccioná-lo, infiltrar-se como um vírus, como erva daninha, uma força menor, subterrânea, forçar sua falência interna. O pensamento só sobrevive onde ele não é bem-vindo: precisa se manter indesejado — precisa sempre tensionar, sempre escapar daquilo que tenta domesticá-lo. E se Deleuze, hoje,

tornou-se culto, monumento, nome próprio que circula nos corredores da academia, é preciso traí-lo para que ele continue vivo. A fidelidade ao pensamento exige, paradoxalmente, infidelidade ao autor. Pensar com Deleuze é sempre pensar contra a fixação de Deleuze em um nome próprio, há uma exigência de abandono.

É nesse ponto que a própria escrita dele se torna jangada: instável, errante, intensiva.

[...] Embarcou-se: uma espécie de jangada da Medusa, há bombas que caem à volta, a jangada deriva em direção a riachos subterrâneos gelados, ou então em direção a rios tórridos, o Orenoco, o Amazonas, pessoas remam juntas, que não supõem que se amam, que se batem, que se comem. Remar juntos é partilhar, partilhar alguma coisa, fora de qualquer lei, de qualquer contrato, de toda instituição. Uma deriva, um movimento de deriva, ou de “desterritorialização”. (Deleuze, 2006, p. 322).

Sigamos a deriva... em um movimento de margem... Mas não para encontrar sentido — que sentido pode haver quando tudo em nós range, se rompe, se desfaz? Sigamos para nos perder com precisão, como quem se lança ao abismo porque o chão já não basta, porque o centro apodreceu e as bordas ardem. Pensar, aqui, é remar com os punhos feridos, sem bússola, sem norte — remar contra o dilaceramento, não para vencê-lo, mas para habitar sua fenda. Os remos são feitos de corpos esgotados, conceitos convulsivos, forças sem nome que nos atravessam e deixam estilhaços. Não se trata de fundar nada — já não há fundamento que suporte o peso do real. Trata-se de fluir com o que escapa, com o que sangra, com o que insiste apesar de tudo. Habitar o fora é o grito de quem já não cabe em si. A margem não é o limite, mas o plano de onde irrompem os possíveis. É ferida aberta, linha de fuga, carne viva do pensamento. Desterritorializar é desobedecer o mapa, cuspir sobre ele, queimá-lo se for preciso! —para que reste apenas a intensidade crua, a cartografia do intolerável, o traçado de um desejo que ainda pulsa mesmo quando tudo dentro de nós já quis morrer.

Para existir basta abandonar-se ao ser
mas para viver
é preciso ser alguém
e para ser alguém
é preciso ter um OSSO,
é preciso não ter medo de mostrar o osso
e arriscar-se a perder a carne.

(Artaud, 2019, p. 185).

Referências

ARTAUD, A. *Escritos de Antonin Artaud*. Organização, Tradução e Notas de Claudio Willer. 2ªed. Porto Alegre: L&PM, 2019.

DELEUZE, G. *A ilha deserta e outros textos: textos e entrevistas (1953-1974)*. Edição preparada por David Lapoujade; organização da edição brasileira e revisão técnica Luiz Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2006.

DELEUZE, G. *Crítica e clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, G. *Nietzsche e a filosofia*. Tradução de Edmundo F. Dias e Ruth J. Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Kafka: por uma literatura menor*. Tradução de Modesto Carone. Campinas: Papirus, 1997.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mille plateaux: capitalisme et schizophrénie 2*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: a história da violência nas prisões* Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

609

Submissão: 02. 07. 2025 / Aceite: 13. 07. 2025